A psiquiatria e a construção do ideal de mulher: a Educação Física como gênese da beleza no Recife dos anos de 1930-1945

Maria Concepta Padovan[*]

1. Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa de Doutorado, que se propõe a estudar a utilização das teorias e práticas dos testes de biotipologia, inteligência e personalidade pela psiquiatria pernambucana durante os anos de 1930-1945, e do comportamento social daí resultante para os pacientes e familiares. Procurou-se estudar as relações entre as aparências que as teorias psiquiátricas propunham as mulheres, como indicativo de saúde física e mental, e as implicações que essas idéias acarretavam as possíveis atuações sociais esperadas delas, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional.

A metodologia com a qual se trabalhou baseia-se na Teoria Genealógica de Michel Foucault (1985), que vê a loucura como algo que não tem "natureza" ou "essência" própria, mas um sentido que lhe é conferido por determinados grupos sociais em cada período. Dessa forma, este trabalho foi realizado principalmente com base nos estudos da divulgação das teorias psiquiátricas da época, pelo Boletim de Higiene Mental, que abordam as concepções teóricas do meio psiquiátrico pernambucano durante o período estudado, e como elas atuaram no processo de construção da loucura. Além dessas publicações, consultaram-se também exemplares de periódicos da época, como o Jornal do Commércio e a Revista de Educação Física do Exército, com artigos onde é possível vislumbras as mais diversas reações quanto aos modelos de comportamento e aparência femininos, além de informes e dicas quanto as formas corretas e incorretas de "ser mulher".

Visando ampliar as perspectivas historiográficas no que se refere ao estudo da História da loucura em Pernambuco, este trabalho se propôs a realizar também uma análise da história de vida de alguns pacientes, e as formas de resistência às práticas psiquiátricas por eles empregadas. Este exercício foi realizado através da leitura dos prontuários, representando uma das principais fontes de pesquisa, e revelando a realidade da loucura através dos que mais a vivenciaram: os próprios loucos.

[*] Doutoranda pela Universidade Federal de Pernambuco, bolsista do CNPQ.

2. O “novo” Recife

O período do Governo Vargas (1930-1945) caracterizou-se como um momento de grandes modificações em todo o país, principalmente no que se referia a questões de organização social. De acordo com a preocupação de se diferenciar dos movimentos políticos anteriores, as novas lideranças procuraram empenhar-se num processo de modernização, principalmente através de uma preocupação com o ambiente urbano, baseado na moralidade e religiosidade expressadas através da família.

No Recife a situação não foi diferente, principalmente com Agamenon Magalhães (1937-1945) à frente do governo pernambucano. Foi a partir daí que as linhas gerais de trabalho, baseadas na recuperação econômica e social do Estado, intensificaram-se, seguindo uma orientação cujo lema era o da centralização administrativa (RIBEIRO, 2001). Para dar suporte a tal projeto, foi criado todo um ideal do “novo homem brasileiro”, num esforço coletivo entre diversos setores da intelectualidade juntamente ao governo, onde aspectos católicos e patrióticos se misturavam ao corporal, constituindo símbolos, que eram veiculados pela propaganda, e amplamente utilizados para se atingir a emoção popular e provocar um entendimento passivo e sem reflexões (PADOVAN, 2007:23-35).

Essa proposta representava a união da moral e da conveniência, uma vez que exaltava a família em sua estrutura tradicional (constituída pelo “casamento indissociável”, com o objetivo final de gerar descendência) como a base da demografia brasileira. Mesmo assim, era uma instituição que não poderia sobreviver por si só, sendo considerada frágil e passível de corrupção, razão pela qual cabia ao Estado sua proteção. Dessa forma, é possível divisar o papel que se esperava de cada indivíduo na sociedade, o que no caso feminino, era basicamente uma educação voltada ao casamento, a maternidade, e a administração dos lares, além da impossibilidade de ocupar cargos que fossem contrários a sua “natureza” ou aos “limites da conveniência familiar”.

Na construção destas associação de sentidos , a psiquiatria como portadora de determinados saberes acabou ganhando um certo destaque, devido às suas possibilidades de atuação permitirem maior esquadrinhamento social, além de propor medidas para seu controle e prevenção (PADOVAN, 2007:23-35). Esses saberes psiquiátricos partiam da teoria da “Anormalidade”, desenvolvida pelo alemão E.

Kraepelin (1856-1926), que resgatava a noção de degenerescência[1] desenvolvida anteriormente por Benedict Morel (1809-1873), de forma a contribuir para a formação de uma base científica sobre os pensamentos da psiquiatria, e cuja principal preocupação recaía nas questões classificatórias.

Em Pernambuco, os estudos realizados pela psiquiatria da época estavam em conformidade com estas teorias, que seriam de extrema importância para os trabalhos realizados a partir do início dos anos de 1930, uma vez que o responsável por sua direção no Estado, Ulysses Pernambucano, tomava-as como uma das principais diretrizes modernas para o tratamento das doenças mentais. Nomeado pelo então governador de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti, para a organização do tratamento aos doentes mentais, Ulysses criou o Serviço de Assistência a Psicopatas[2], cujo impacto na organização e execução das maneiras de se lidar com os doentes mentais, foi considerada uma verdadeira revolução (MIRANDA, 2009).

O caráter científico desse novo trabalho voltou-se principalmente para a introdução de métodos especializados de diagnósticos e terapêuticas no trato da doença mental, além do uso e a adaptação das modernas teorias e métodos aos problemas específicos de Pernambuco, com destaque para as preocupações com a constituição, e biotipologia e as questões da personalidade. Sua produção escrita, ou sua influência na psiquiátrica da época, denominada de Escola do Recife[3], pode ser descrita como marcada pela preocupação nas questões da psiquiatria social. Essa tradição teórica e prática introduzida e estimulada por Ulysses foi um marco considerável nas formas de se pensar e agir sobre a saúde mental, perpetuando-se mesmo após seu afastamento da direção dos Serviços de Assistência (1938), e até mesmo sua morte (1943), quando foi levada a diante por seus discípulos.

---

[1] Tal teoria propunha a idéia de uma "decadência" gradual e progressiva de um tipo primitivo perfeito do ser humano, tendo as influências do meio como uma de suas causas (PEREIRA, dezembro de 2001: 126-129).

[2] A composição desta nova Assistência remodelava e ampliava os cuidados dedicados à doença mental, e compreendia os seguintes grupamentos: Serviços para doentes mentais não alienados; Serviços para doentes mentais alienados; Manicômio Judiciário e Serviço de Higiene Mental (BOLETIM DE HIGIENE MENTAL, abril/1934).

[3] A Escola Psiquiátrica do Recife foi o nome pelo qual ficou conhecido o grupo de profissionais influenciados ou sob a orientação de Ulysses Pernambucano, principalmente durante a década de 1930. Destaca-se a participação não só de médicos, como também de educadores e outros profissionais envolvidos com a pesquisa e prática da problemática da saúde mental em Pernambuco (PADOVAN, 2007:36).

Assim, de acordo com a ótica psiquiátrica desenvolvida, as mulheres seriam as grandes responsáveis pela manutenção da união familiar, sendo seu papel "natural" o de esposa e mãe, o que consistia numa forte repressão às suas vontades próprias em função das da família. Mas o corpo feminino, principal meio pelo qual essas funções eram exercidas, representava ainda um "mistério" quanto ao seu funcionamento, de forma que deveria ser tratado com muita cautela, pois poderia se revoltar a qualquer momento, revelando características "selvagens", tornando-se até "anormal".

E esta preocupação surgiu com força total na década de 1930 à meados de 1940, quando as mulheres, que apesar de serem destinadas à "reinar" nos lares familiares, irrompiam cada vez em maior quantidade em espaços públicos: o tempo das moças dividia-se geralmente entre atividades de estudo e passeios diários, que estendiam-se por toda a cidade, em atividades esportivas ou apenas conversas descontraídas, tendo seus trajetos urbanos determinados mais pelas condições climáticas do que qualquer outra coisa. Já das casada, era esperado que permanecessem em casa ao longo do dia, indo às ruas apenas para obter o necessário aos cuidado dos afazeres domésticos e providenciando para que seu lar estivesse impecável ao marido, e aos filhos.

Apesar do Código Civil decretar que apenas com autorização do marido, e por propósitos de necessidade, a mulher poderia exercer atividade profissional fora de casa, cada vez mais mulheres buscavam o trabalho nas ruas para complementar a renda familiar que seus maridos não conseguiam mais obter sozinhos, desestabilizando, aos olhos tradicionalistas, todo o sistema e a ordem. E entre os principais empregos disponíveis ao público feminino, aqueles relacionados aos serviços do lar eram sem dúvidas os mais populares, sugerindo até mesmo um certo grau de aceitação, por não representarem maiores quebras para com as tradições.

Desta forma, um severo adestramento (NUNES, 2000) deveria ser exercitado desde cedo, no sentido de impedir quaisquer excessos desastrosos a ordem social. Esse "adestramento" consistia em disciplinar o corpo feminino, não só quanto as habilidades para expressar gestos e comportamentos, mas também quanto a capacidade de utilizar o tempo e o espaço, e principalmente quanto a sua aparência (SOUSA, 2009).

3. A Educação Física na gênese da beleza feminina

Dentre as várias metodologias empregadas pelos Programas de Higiene Mental[4] em todo o Brasil, pode-se dizer que uma das que mais se destacavam era a da Educação Física, que por desenvolver propostas para a harmonização das funções corporais, atuava de forma incisiva tanto em aspectos propriamente físicos quanto morais dos indivíduos. Mas esta forma de se perceber sua atuação social pode ser considerada recente na história da educação, uma vez que nem sempre fora atribuída a esta disciplina, e seus profissionais, tal carga de importância na sociedade.

Pesquisas sobre a atuação da Educação Física no processo educacional brasileiro (SARAIVA, 2010; ALMEIDA e GUTIERREZ, 2006) apontam para o fato de que o século XIX foi de grande valor para a formação de um conceito sobre esta disciplina, especialmente quanto às formas pelas quais ela era entendida pela sociedade[5]. Mas foi principalmente na segunda metade deste mesmo século que as primeiras mudanças em sua concepção e aplicabilidade tomaram vulto, vencendo os preconceitos ainda existentes[6].

As formas de se conceber os esportes em si sofreram um movimento de expansão e popularidade a partir do final do século XIX, quando começaram a se multiplicar os clubes e associações promotoras de campeonatos e demonstrações. Posteriormente, já no início do século XX, a continuação das reformas urbanas, associadas às novas políticas de estado acabariam contribuindo ainda mais neste

[4] De acordo com as atas da Liga Brasileira de Higiene Mental[1], e também segundo Kehl, tais programas deveriam concentrar-se em promover melhorias relativas as influências do meio, da economia, dos costumes, das condições físicas e intelectuais para o estabelecimento de medidas capazes de preservar e proteger a raça brasileira (KEHL, 1923:219).

[5] É do ano de 1841, uma das primeiras menções sobre a sua atuação social, além da própria questão das características das aulas e professores quanto a conteúdos e habilidades. Segundo estudos de Saraiva (SARAIVA, 2010:4), a educação física de então era exercida por militares, no que muitos autores caracterizam como herança do período imperial brasileiro. As aulas eram baseadas em práticas médicas européias, voltadas tanto para o desenvolvimento do corpo físico quanto da alma; e sua função social entendida como a de uma pedagogia abrangente não só dos aspectos físicos do homem (pelo uso dos exercícios em si), mas também de questões relativas ao vestuário, alimentação e da degenerescência física. Dessa forma, a partir do momento em que começou a ganhar destaque na sociedade, esta disciplina já era associada aos preceitos médicos higiênicos da época.

[6] Almeida e Gutierrez (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2006: 22-45) demonstram que os preconceitos existentes quanto a educação física, em fins do século XIX, estavam relacionados não só a uma associação desta ao trabalho escravo, mas principalmente à influência dos manuais europeus, de onde a maioria dos exercícios utilizados eram então retirados, e que se baseavam majoritariamente na educação feminina. Como tal prática não era vista como algo moralmente aceitável naquele momento, a tendência social passou a ser a de encarar suas propostas como inadequadas.

processo, com a criação não só de diversos tipos de áreas de lazer, como os parques onde as atividades físicas poderiam ser praticadas livremente (GOELNER, 2008:07), mas com a consolidação das bases conceituais da própria educação física, determinando sua institucionalização no país.

O comando das decisões passou às mãos do Exercito, que a partir da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), centralizou o ensino de profissionais no país, modificando ainda os objetivos da prática, de acordo com os ideais de patriotismo e Eugenia[7]. E nos anos de 1929/1930, teve-se então o primeiro concurso público para professores dedicados exclusivamente ao ensino da educação física, sendo suas provas de caráter teórico e prático, além de questões de didática e pedagogia (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2006: 22-45).

Todo esse processo consolidou-se pela utilização conjunta do discurso médico e político da saúde, implantadas a partir de 1930, com o início do governo Vargas, e acentuado com a instauração do Estado Novo, que tinha nestas formas de lazer um espaço privilegiado para propagação de sua ideologia, principalmente a partir de uma proposta para o incentivo à prática de exercícios físicos[8]. Os discursos passam a apontar como a disciplina sofrera uma transformação, passando a estratégia educacional capaz de orientar personalidades e heranças genéticas, dada sua associação às influencias das idéias eugênicas.

Muitos dos escritos deste período, como os artigos da Revista de Educação Física do Exército, apontam sua nova posição no cenário nacional, destacando-a como a "ciência dos bem nascidos", e conclamando os profissionais da área a associarem uma nova aptidão a sua formação – o amor à pátria, através da depuração da raça. Neste momento também é possível observar como a Educação Física começou a se constituir em relação à problemática da higiene, destacando-se não só como agente terapêutico,

[7] A Eugenia era uma pseudo ciência que propagava a possibilidade do homem controlar o processo de melhoramento da raça. Seus partidários viam a mulher como o foco inicial de toda preocupação com a raça e a sociedade, já que através de sua "realização máxima", ou seja, a maternidade, ela seria responsável pela geração dos indivíduos que fariam o futuro do país. Como ela era considerada "a célula da beleza e da harmonia humana"; a "base primordial essencial da regeneração", fazia-se necessário empreender uma campanha séria para os cuidados com a saúde feminina, objetivando torná-la um "elemento sadio para a procriação" (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, novembro/1933: 30-32).

[8] A partir de 1937, a educação física é instituída como disciplina escolar obrigatória em âmbito federal, de acordo com a Constituinte (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2006: 22-46).

mas principalmente profilático. Segundo o artigo do Capitão Dr. Bráulio Martins (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, novembro/1933: 30-32), o desenvolvimento da disciplina durante os anos de 1930/1940, em associação aos princípios da eugenia, havia mesmo transformado-a em uma "promissora ciência biológica", capaz, como nenhuma outra, de combater os males surgidos entre as "civilizações modernas", uma vez que era facilitadora da promoção da harmonia das funções orgânicas do homem, sem as quais a saúde seria impossível.

Sua ação se daria sobretudo nas funções neuromusculares, sendo refletidas por todo corpo e promovendo melhorias nas funções cardíacas, respiratórias, digestivas e excretores. Além disso, esse "dinamismo nervoso" posto em ação, representaria uma sensação de bem estar e euforia, considerada benéfica e associada ao próprio conforto psíquico. Esse seu caráter particular foi promovido pelos médicos como sendo dotado de alto poder curativo, devendo ser empregado como terapêutica principal por todos os "médicos experientes e prudentes". Sua importância residia no fato de que, mesmo após suas aplicações, continuaria exercendo sua influência sobre o indivíduo, deixando "traços persistentes de suas ações". Dessa forma, foi, inclusive, considerada mais eficaz do que muitos remédios empregados na época (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, novembro/1933: 30-32).

Contudo, a maior preocupação do autor estava mesmo voltada para a demonstração da importância dos exercícios como profilaxia, uma vez que era a prevenção que produziria maiores possibilidades de êxito no combate aos estados mórbidos que assolavam a sociedade. Segundo ele, essa realidade já estava clara para inúmeros "instrutores esclarecidos", mas precisava ainda ser aprendida e enfatizada por muitos outros indivíduos que não praticavam atividades físicas e não tinham seus benefícios como algo evidente. Esse posicionamento era dirigido, de forma geral, a todos os indivíduos da sociedade. Mas, não se pode deixar de perceber que, apesar desta tendência, as mulheres tinham um destaque maior entre todos os outros, devido a sua considerada importância para a raça brasileira.

As "ciências" deste período, influenciadas pela Eugenia, viam a mulher como o foco inicial de toda preocupação com a raça e a sociedade, já que através de sua "realização máxima", ou seja, a maternidade, ela seria responsável pela geração dos indivíduos que fariam o futuro do país. Assim, a mulher era considerada "a célula da

beleza e da harmonia humana"; a "base primordial essencial da regeneração". Dessa maneira, fazia-se necessário empreender uma campanha séria para os cuidados com a saúde feminina, objetivando torná-la um "elemento sadio para a procriação" (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, outubro/1933: 22).

A grande preocupação de tal projeto, não só do ponto de vista da Educação Física, mas de forma geral para todos os envolvidos no grande ideal de higienização, era promover a popularização[9] de uma educação integral, onde as atividades esportivas fossem encaradas como "momento propício" não só para o desenvolvimento dos aspectos físicos, como também dos morais, intelectuais e sociais. Nesta perspectiva, uma das características mais marcantes a serem atingidas pelo sexo feminino era a beleza, considerada a própria "essência" de seu sexo, e ligada em suas características a própria questão da maternidade.

O conceito de beleza adotado nestes discursos dizia respeito não só a determinadas características físicas que o corpo da mulher deveria apresentar para ser considerado saudável, mas também alguns posicionamentos morais, pois um deveria ser o reflexo do outro. Assim, como alguns conceitos medievais de beleza[10], encontrava-se diretamente associado à bondade e à religiosidade, emprestando detalhes dos semblantes de Santos e do próprio Cristo como prova cabal dessa associação[11]. Contudo, apesar dessa beleza ser tradicionalmente um "dote" feminino, não era considerada inata, mas algo a ser alcançado através de esforço e dedicação, principalmente em tempos em que algumas melhorias urbanas, como as facilidades de

[9] Goellner destaca que esses discursos de popularização da importância da prática de exercícios físicos era voltada quase que exclusivamente a mulheres brancas, sendo ainda marcado pelo fato de não ter sido produzido necessariamente por mulheres, mas para as mulheres, de forma que se deve ter cuidado quanto a afirmações muito específicas sobre seu nível de absorção e reprodução social (GOELLNER, 2008).

[10] Ana Carlota Vita aponta, em suas pesquisas sobre a história dos cosméticos e penteados, que durante a Idade Média, os ideais de beleza e feiúra estavam diretamente associados aos conceitos de bem e mau e as figuras dos santos e de Deus em oposição a dos demônios (VITA, 2009:54-65).

[11] A professora da Escola Secundarista do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, Déa Mendes, em artigo para a Revista de Educação Física do Exército, declarava que a beleza, a religião e a bondade deveriam ser entendidas como sinônimos umas das outras, e que a sua prova de que isso assim procedia era o fato de não haver registros de personalidades feias na história da religião católica: "não conheço um santo que não seja bonito e estou certa de que se Cristo não possuísse aquele lindo semblante, aquela figura alta, direita, elegante, os seus adeptos não seriam tantos, e o cristianismo, não teria o prestígio que desfruta no mundo" (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, outubro de 1933: 22).

locomoção, agiam de forma contrária ao ideal de saúde preconizado (SILVA e GOELNER, 2008:256).

Os preceitos da Educação Física para as mulheres de então, não eram, contudo, qualquer tipo de atividade esportiva, mas apenas aquelas que tivessem a função de desenvolver as características consideradas como femininas e associadas ainda ao robustecimento físico capaz de fortalecer o corpo para geração de filhos saudáveis; ou seja, atividades que proporcionassem a leveza e a graça dos movimentos, demonstrando o estado de espírito maternal, além do desenvolvimento muscular do ventre e pélvis.

Essa feminilidade, que aparece sempre nos discursos acerca das atividades físicas era precisamente delineada quanto a suas características, de forma não só a superar antigas mentalidades ainda vigentes na sociedade[12], mas também deixar claro que tal atributo dependia, em seu desenvolvimento, "exclusivamente do interior" de cada pessoa, sendo determinada em suas formas e intensidade pelo estado de funcionamento dos órgãos internos. A "cultura física", nas palavras da autora de um desses artigos, agiria na "ação glandular", de acordo com o tipo de energia, vigor muscular e potência orgânica de cada indivíduo, de forma que não seria possível a uma mulher tornar-se masculinizada apenas pela prática de esportes: "a atividade conduz o homem a virilidade, e deve portanto conduzir a mulher a feminilidade" (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, novembro de 1937: 26-28).

Entretanto, era preciso levar-se em consideração as características somáticas específicas da mulher, quando da escolha dos métodos a serem empregados, para que sua saúde não se prejudicasse. Acreditava-se então não só que suas formas exteriores fossem diferentes das do homem, mas que suas capacidades orgânicas fossem, de forma geral, mais "frágeis". Partindo-se destes princípios, concluía-se que a maioria das lutas e saltos era-lhes inapropriada (FERNANDES, 2010), pois além de não trabalharem de forma balanceada a musculatura e sistemas femininos, forçavam-lhes a gastos de energia superiores aos que lhes seriam considerados normais.

Contraditoriamente, observa-se uma espécie de associação entre a resistência física e a feminilidade, que era constantemente trabalhada de forma a ser vista como

[12] Segundo Leake, em artigo traduzido do inglês para a Revista de Educação Física do Exército, a sociedade ainda tinha certo preconceito quanto à prática de esportes por mulheres, já que vinha de uma tradição vitoriana, segundo a qual a feminilidade estava associada a palidez e fragilidade da aparência feminina (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, julho de 1933:26-28).

possível pela população. Neste contexto, encontram-se até mesmo charges humorísticas explorando o assunto. Na página "O Bom humor do esportista", da Revista de Educação Física do Exército (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, novembro de 1937: p. Única), é possível encontrar o quadro "Corredora Fotogênica", em que se tem a imagem de uma moça nas pistas de corrida altamente caracterizada pelas idéias de feminilidade do período. Ao mesmo tempo em que praticava tal competição (tradicionalmente consideradas na categoria dos exercícios mais pesados para a "constituição feminina"), continuava muito interessada em sua aparência, perdendo, inclusive, o momento da largada em função de sair bem em uma fotografia.

Outra charge interessante sobre estes aspectos era a denominada "Numa loja de artigos esportivos", onde uma moça , aparentando uma maneira bem feminina para os padrões da época, segurava em uma de suas "mãozinhas delicadas" um enorme alteres, enquanto explicava a seus clientes homens: "Este aqui talvez lhe sirva. Os mais célebres levantadores de peso do mundo usam deste". Desta forma, além de simbolizar a presença feminina no mercado de trabalho, ainda sugeria para elas a possibilidade de altas capacidades físicas, não só dentro de seus limites corporais próprios, mas até mesmo em relação ao dos homens.

Apesar disso, as ginásticas, de uma forma geral, envolvendo canto e danças, eram consideradas as atividades físicas mais "honestas", "naturais" e higiênicas para a mulher. Baseadas principalmente no método francês[13] (mas respeitando as limitações do sexo feminino), e seus programas seguiam uma rigorosa ordem sugerida pelo Exército, que era aplicada em diversos estados brasileiros, dos quais Pernambuco, Minas Gerais, Bahia e São Paulo eram os principais modelos. De acordo também com o programa de Educação Física para o ensino secundário, criado pelo Ministério da Educação e implantado em todo Brasil[14], pode-se perceber que as possibilidades eram bem variadas: além da ginástica, incluía-se também a natação e palestras educativas sobre variadas

[13] Segundo estudos de Adão, o método francês era considerado mais voltado para a formação de contingentes de recrutas para o exército, sendo, por essa razão, muitas vezes substituído por outros modelos em colégios religiosos de Pernambuco. Apesar disso, parece ter sido "tradicional" no que se referia as atividades femininas, procurando desenvolver-lhes condições físicas adequadas à maternidade, além das sociais e morais condizentes com os ideais da boa esposa : harmonia de movimentos e espírito de sociabilidade equilibrados (ADÃO, outubro de 2009: 01-09).

[14] De acordo com as pesquisas de Corrêa (CORRÊA, 2006:3), em 18 de abril de 1931 foi regulamentada a Reforma Campos, do ministro da educação Francisco Luiz da Silva Campos, estabelecendo a obrigatoriedade da educação física em todas as classes das instituições de ensino secundário.

temáticas da educação física para suscitar entre os alunos a "consciência da necessidade de sua prática e a convicção de suas vantagens" (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, agosto de 1938: p. Única).

Além de uniformizar o conteúdo da disciplina, o programa do Ministério também procurou estabelecer os procedimentos a serem executados, incluindo detalhes sobre as vestimentas que deveriam ser utilizadas em determinados exercícios e o que fazer em dias de chuva, quando as aulas ao ar livre não eram possíveis. Em relação à educação física feminina, propunha-se que as aulas fossem ministradas apenas por professoras, que deveriam iniciar o processo das aulas por exames médicos e produção de fichas (do tipo antropométricos), organizadas de acordo com as possibilidades de cada colégio[15].

As alunas julgadas incapazes de freqüentar as aulas, ou as que adoecessem ao longo do ano, eram encaminhadas à Clínica Escolar para tratamento. Cabia ao professor responsável a constante observação de sua turma, para que indivíduos considerados "menos capazes" não prejudicassem o desenvolvimento adequado dos outros. Ao final do ano letivo, outro exame era aconselhado para a verificação do aproveitamento, bem como outras formas de avaliação.

Quanto aos exercícios em si, o programa de ginástica francesa, era considerado como um dos mais racionais para saúde feminina, sendo formado por uma seção preparatória, constando de flexionamentos de braços, pernas e tronco (de forma individual ou combinada); e a "lição propriamente dita" de ginástica estética, com exercícios imitativos, exercícios de equilíbrio (jogos sobre vigas), grandes jogos desportivos (principalmente o vôlei), e danças rítmicas. A natação também poderia ser utilizada, dependendo da escolha da professora, seguindo-se então as instruções sobre o melhor uniforme a ser utilizado: calção estilo "bombacha", blusa sem manga e sapato tênis para a ginástica e maiô para a natação (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, maio de 1936:27-28; agosto de 1938: p. Única).

Em Recife, como pode ser visto a partir dos relatos da Revista de Educação Física do Exército, algumas aulas envolviam competições esportivas entre alunos de colégios diferentes, como a ocorrida entre os da Brigada Militar de Pernambuco e do

[15] De acordo com alguns autores da época, as escolas que não possuíssem um serviço médico próprio deveriam deixar um espaço em branco na área de "observações" das fichas para registro quando tal serviço fosse formado (RODRIGUES, março de 1933: s/p.).

Colégio Americano Batista, caracterizadas pelos autores da revista como uma "festa de alegria sadia". Neste encontro particular, realizado no Clube Náutico Capibaribe, por si só já considerado "um orgulho da capital pernambucana" por seus incentivos ao esporte, as moças entretiam-se com "corridas de saco", ostentando sorrisos em seus rostos e utilizando os fardamentos adequados, de acordo com as orientações acima citadas do Ministério (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, março de 1936:23).

Estes exercícios acima citados eram indicados, inclusive, na "fase mensal" das moças consideradas normais (com regras regulares e sem anomalias[16]), como importante agente na influência do bom funcionamento das "glândulas genitais". Seu efeito se daria, sobretudo, no estímulo da circulação nas regiões da bacia e ventre, e no fortalecimento da musculatura abdominal, reduzindo desconfortos. Além disso, seus "partidários" procuravam desmistificar certos tabus existentes na época, sobre as conseqüências de tais atividades em momento tão "secreto" do cotidiano feminino: "estamos convencidos de que não há reações térmicas e nem se impõem ao organismo feminino uma despesa de energias superior a que esta habituado a despender" (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, março de 1933, p. Única).

Por fim, é preciso dizer que, ao mesmo tempo em que esses cuidados eram preconizados como necessários para manutenção da saúde, havia também uma preocupação com a questão estética em si, considerada como um elemento de alto valor para a natureza feminina (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, março de 1933:s/p.). Assim, em um artigo da Página Feminina, do Jornal do Commércio de 1936, por exemplo, os exercícios físicos também eram aclamados em função de permitirem as mulheres uma melhor utilização estética da maquiagem e do novo vestuário em moda: "A moda também insiste para que não esqueçamos que só é possível apresentar com graça os vestidos modernos possuindo um corpo leve, esbelto e flexível" (JORNAL DO COMMÉRCIO, 05-04-1936).

Como os médicos procuravam sempre frisar, a verdadeira beleza deveria vir "de dentro pra fora", tendo as atividades físicas enquanto elemento central das regras de Higiene. Os principais problemas cutâneos (cravos e espinhas), por exemplo, eram

[16] Os casos de "anomalias" citados estavam relacionados principalmente entre as solteiras, mães pela primeira vez ou mulheres com tendências a abortos espontâneos, indicando mais uma vez a relação entre a normalidade orgânica e a maternidade. Nessas condições, indicava-se um completo exame ginecológico, a ser realizado por especialista, antes da adoção de qualquer programa de atividades físicas (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, março de 1933, p. Única).

assim considerados, e só devidamente eliminados, segundo os médicos, por meio de uma combinação de fortes esfoliações e do combate as desordens dos aparelhos digestivo, endócrinos e excretores, além da prática de uma correta higiene diária.

As massagens faciais seriam então consideradas como método contribuinte para a diminuição destes problemas. Tais técnicas eram tidas como meios excelentes para o estímulo da circulação, e praticamente a única maneira sadia de se obter o tão desejado semblante de pele rosada. Além disso, sua prática diária tornaria a pele não só mais resistente, evitando o aparecimento de temíveis rugas, mas proporcionar-lhe-iam uma maior elasticidade, tornando o indivíduo capaz de expressar melhor sua personalidade – atributo considerado, por médicos como Kehl, melhor indicador do encanto e beleza de uma pessoa do que a própria questão da fisionomia (KEHL, 1923: 397). A seção "Ser bonita" também sugeria, em um de seus artigos, como melhor meio preventivo de rugas, os exercícios e massagens faciais. Alguns dos métodos considerados mais benéficos, simples e fáceis de fazer, eram as pancadas leves em toda região, e os que envolviam a movimentação dos lábios[17].

Resumia-se assim o aprendizado feminino sobre os preceitos da "aparência física perfeita". Mas, uma vez que as categorias de moralidade e de feminilidade da época não se modificavam frente a cada vez maior presença de "outros" tipos femininos nas ruas da cidade, e o sentimento de culpa incutido pela psiquiatria e órgãos governamentais não surtia efeito (BURITI, 2004), as punições encontravam sua vez, sendo uma das mais fáceis e eficazes a taxação da "desobediente" como louca, e sua exclusão social pelo internamento no Hospital de Alienados. Foi nessas condições em que se encontrou Severina S. M. (Prontuário nº 4098**,** 1942), uma doméstica solteira de 29 anos, internada no Hospital em 10 de julho de 1942 à pedido de sua patroa.

A história de vida de Severina começara na Paraíba, onde nascera. Quando criança, quase não teve doenças, e nunca freqüentara escola, razão pela qual era analfabeta. Ela crescera em companhia da família, até tornar-se órfã de pai, na adolescência. Desse momento em diante, apesar de ainda ter a mãe viva e gozando

[17] Para a realização dos exercícios mencionados devia-se, primeiro, formar com os lábios a posição de assobio, de maneira que os músculos se encolhessem em comparação com sua posição normal; em seguida, os músculos deveriam ser relaxados até formarem um "O". Esta posição deveria ser mantida por pelo menos um segundo, sendo então repetida, numa sucessão de cerca de 50 exercícios diários para que os músculos da região pudessem novamente adquirir uma elasticidade considerada saudável (JORNAL DO COMMÉRCIO, 19-04-1936).

saúde, passou a residir na casa de várias famílias, exercendo a profissão de doméstica como meio de garantir seu sustento. No ano de 1939, foi viver com um rapaz com o qual não era casada e com quem teve 2 filhos. Contudo, enquanto estava grávida do segundo, Severina fora abandonada por seu "amante", tendo ainda problemas de paralisia nos membros inferiores após dar a luz a essa criança.

A patroa que a internara, D. Ana Cordeiro do N.(residente no bairro de Areias, em Recife), contou no momento da internação que conhecera a paciente casualmente, já que a mesma costumava passar freqüentemente em sua porta. Ao longo do tempo, começou a conhecê-la melhor, até convidá-la para morar com ela. Foi então que D. Ana começou a notar que a mesma era portadora de alguma perturbação mental: andava sempre calada, triste, chorando sem motivo aparente; sofria de erupções na pele e inflamações na vista. Passava horas rezando, e outras vezes tentava rasgar as vestes e evadir-se de casa, sendo alcançada já na rua.

No período da menstruação, tinha manchas vermelhas por todo o corpo, sinais que posteriormente descobriu estarem associados a uma doença venérea, de acordo com outros sintomas (dores renais e uterinas, além de corrimentos constantes). Devido a essa moléstia, que lhe proporcionava uma "aparência repugnante" (sic.), não era mais aceita como empregada e sua situação piorou muito: tinha alucinações auditivas e visuais, além de não fazer o devido asseio corporal. Foi para Campina Grande, onde ingeriu permanganato, quase morrendo, o que foi caracterizado como uma tentativa de suicídio, e fez com que retornasse ao Recife. Nesta época, seu ciclo menstrual desapareceu e seu corpo ficou "todo aberto em chagas", seguindo-se alucinações e insônia, fora outras tentativas de suicídio, quando corria para a linha de bonde.

Ao ser interrogada pelos médicos sobre sua doença, Severina chorou muito, estando em grande depressão, e alegando estar doente há 4 anos, e saber não poder mais ficar boa pois já estivera internada antes no Pedro II. Ela obedecia às ordens médicas, respondendo as perguntas com eficiência , mas sem informar com precisão os principais fatos de sua vida ou as datas. Informou que sentia um barulho na cabeça que não a deixava dormir, vivendo por isso muito perturbada; alegou ainda que queriam lhe matar, lhe perseguiam e estava vendo vultos ameaçadores; e que só ingerira o permanganato por engano, pois sofria de corrimentos e não sabia que ele era para fazer lavagens.

A paciente passou então por exames de uréia e do líquido céfalo-raquiano (para

detecção de sífilis), sendo ainda classificada como tipo "leptosomático"18, com panículo adiposo e tecido muscular regularmente distribuídos. Seus dentes eram mal implantados e conservados, e sua marcha vacilante, vagarosa e de passos miúdos, além de apresentar uma oscilação quando na posição sentada de olhos fechados. Mediante estes exames, Severina foi diagnosticada como portadora de Psicose maníaco-depressiva, e tratada com choques por cardiazol: 9 seções19, datando a primeira de 16 de agosto e a última de 12 de setembro do mesmo ano. Não há registros detalhados sobre suas reações ao tratamento, e a única informação sobre seu prognóstico foi referente a uma alta em 15 de setembro de 1942.

4. Considerações finais

Dessa forma, a partir dos documentos consultados, evidenciou-se como os aspectos físicos relativos às mulheres, como indicativos de beleza, exaltavam um mesmo princípio de ordem que permeava todos os outros projetos do Governo e da intelectualidade, a partir dos ideais de "novo homem brasileiro". E essa ordem, centrada em princípios científicos que tinham como meio de ação a prevenção do tipo conservadora, tornou-se parte importante das teorias médicas sobre as doenças, principalmente a mental, num movimento de caráter minucioso, empreendido em nome da preservação social, e da máxima de que prevenir era mais barato e fácil do que curar. Foi possível observar como os aspectos físicos e higiênicos eram questões tão exploradas nos programas de Educação Física.

Todos os pormenores do corpo feminino eram avaliados, de acordo com padrões pré-estabelecidos pela ciência, e chamados a se adaptar, caso não se conformassem perfeitamente aos modelos proclamados. Nestes parâmetros, nenhuma mulher nascia portadora de beleza, mas aprendia que poderia construí-la, às custas de muito esforço e dedicação na realização de exercícios físicos. Esse aprendizado ia, inclusive, mais além:

18 De acordo com as teorias da "biotipologia" (criada pelo médico endocrinologista italiano Nicola Pende para designar o estudo das relações entre constituição, temperamento e caráter, de acordo com parâmetros cientificamente pré-estabelecidos pela hereditariedade), os indivíduos leptosomáticos possuiriam maior desenvolvimento no comprimento, corpo magro com tórax estreito, músculos delgados e cabeça pequena e arredondada. Seus casos mórbidos recebiam a denominação específica de "astênico", e seu caráter seria do tipo esquizotímico, extremamente imaginativo (BOLETIM DE HIGIENE MENTAL, abril/1934, nº IV, ano II; agosto/1934, nº VIII, ano II).

19 As duas doses iniciais do tratamento foram de 5cc., sendo seguidas por mais duas de 6cc.; uma de 7cc. E as últimas 4 de 8cc.

deveria instruir as moças desde cedo sobre o fato de que ser bela não tinha como único objetivo a conquista de um marido; antes de tudo, deveria vir associada à consciência de que, a partir de tais ações em prol de sua própria saúde, estaria contribuindo para a melhoria de toda a raça, marcando assim, a forte influência eugênica que permeava essas idéias.

Eles carregam ainda referências sobre as mais variadas formas que as mulheres deveriam cultivar, ignorando em sua maioria todos os outros modelos femininos que existiam na sociedade. O medo aparece quase sempre, não só nas entrelinhas, mas explicitamente. Ele relembrava, a todo instante, o que poderia advir de más escolhas, principalmente através dos destinos cruéis que esperavam as "desobedientes" da boa moral. Eram, de forma sintética, capazes de distinguir as mulheres, de acordo com suas aparências, quanto as possibilidades de atuação social que encontrariam; e neste sentido, o caso de Severina é um importante exemplo dessa realidade.

Sua exclusão social, representada pelo internamento no Hospital de Alienados, se dera principalmente em função de questões de "aparência repugnante", que além de estarem impedindo-a de trabalhar, também foi logo associada à doenças venéreas e comportamentos inadequados - o que por sua vez, na sociedade recifense da época, remetia ao relacionamento "imoral" que mantivera, sem a consagração do matrimônio católico. Essas formas de se utilizar dos aspectos corporais dos pacientes, em associação com ideais morais, acabavam por vivificar os modelos e ante-modelos que a teoria psiquiátrica criara, tornando sua prática e o dia a dia das mulheres presas em sua teia, a vivência da loucura.

5. Referencias Bibliográficas:

- ADÃO, Kleber do Sacramento. A Educação Física segundo o "Manual teórico-prático para uso dos educadores do Padre Carlos Leôncio da Silva. In: Anais do XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, Recife,pp. 01-09, outubro de 2009.

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis. O governo Vargas e o desenvolvimento do lazer no Brasil. In: Efdeportes – Revista Virtual. Buenos Aires, pp. 2244-2258, año 10, nº 92, enero/2006. Disponível em: http://www.efdeportes.com. Acesso em 12 de novembro de 2010.

- BOLETIM DE HIGIENE MENTAL, Ano II, nº IV (abril) e VIII (agosto). Recife: Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, 1934.

- BURITI, Iranilson. Espaços de Eva: a mulher, a honra e a modernidade dos anos 20 (século XX). Revista História Hoje. São Paulo, n. 5, 2004.

- CORRÊA, Denise A. Ensinar e aprender educação física na "era Vargas": lembranças de velhos professores. In: VI EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PUCPR - PRAXIS, 2006, Curitiba. Anais... Curitiba: PUCPR, 2006. v. 1.

- FERNANDES, Vera L. F. P. Trajetória do corpo feminino na Ginástica no Brasil: da eugenia à cultura do fitness. In: LABESC – Laboratório de Estudos do Corpo da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora); Produção Científica/Resumos expandidos. Consultado em 08/11/2010. Disponível em: http://www.ufjf.br/labesc/producao-cientifica/resumos-expandidos.

- GOELLNER, Silvana Vilodre. "As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte": esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. In: Recorde - Revista de História do Esporte, pp. 01-28, v. 1, nº 1, junho de 2008. Consultado em 08/11/2010. Disponível em: http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/docs/autor.asp.

- JORNAL DO COMÉRCIO. Recife: Gráficas do Jornal do Commércio, anos de 1936-1940-1941.

- KEHL, Renato. Eugenia e Medicina Social (Problemas da vida). Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro: 1923.

- MIRANDA, Carlos Alberto da Cunha. A utilização da Convulsoterapia nos Hospitais Psiquiátricos nos anos 30, 40 e 50. In: Gestão Pública: práticas e desafios. Sylvana Maria Brandão de Aguiar (org.). Recife: Bagaço, 2009, pp. 185-238.

- NUNES, Silvia Alexim. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

- PADOVAN, Maria Concepta. As Máscaras da Razão: memórias da loucura no Recife durante o período do Estado Novo (1937-1945). Dissertação (Mestrado) em História – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Recife: o Autor, 2007.

- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Clássicos da Psicopatologia: Kraepelin e a criação do conceito de "demência precoce". Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, v. 4, n. 4, dezembro de 2001, 126-129.

- *Prontuário nº 4098***,** Livro de prontuários no 4050 a 4100, mulheres , ano de 1942.

- REVITA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO. Rio de Janeiro: Escola de Educação Física do Exército, anos de 1930 a 1945.

- RIBEIRO, José Adalberto. Agamenon Magalhães: uma estrela na testa e um mandacaru no coração. Coleção Perfil Parlamentar Século XX. Recife: Assembléia Legislativa do estado de Pernambuco, 2001.

- RODRIGUES, Elisa. Raça e Controle Social no pensamento de Nina Rodrigues. In: Revista Múltiplas Leituras, v. 2, nº 2, pp. 81-107. Julho/Dezembro, 2009.

- SARAIVA, Kailine Mesquita. Da desmotivação dos professores de Educação Física da rede municipal: reflexos e possibilidades temáticas. Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Educação Física Escolar pela Faculdade Farias Brito (FFB). Fortaleza: o autor, 2010.

- SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. Os manuais de conduta e a escrita feminina no início do século XX: o que desvelam as narrativas? In: Trabalhos e Textos integrais 31ª Reunião anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu, pp.

01-15, 2009. Consultado em: 22/11/2010. Disponível em: http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_31.html.

- SILVA, Aandré Luiz dos S.; GOELLNER, Silvana Vilodre. “Sedentárias” e coquettes à margem: corpos e feminilidades desviantes na obra de Renato Kehl. In: Pensar a Prática, 11/3:251-259, setembro/dezembro 2008.

- VITA, Ana Carlota R.História da maquiagem, da cosmética e do penteado: em busca da perfeição. 1 ed. (reimpr.). São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.